

**TESSITURAS DE HISTÓRIAS EM *AS VISITAS DO DR. VALDEZ***

**STORIES' TEXTURES IN *AS VISITAS DO DR. VALDEZ***

Mágnia Tânia Secchi PIERINI<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo visa apresentar uma leitura da obra *As visitas do Dr. Valdez*, de João Paulo Borges Coelho, partindo da consideração de que há dois eixos norteadores nesse romance: a construção da identidade moçambicana e a representação de Dr. Valdez. Esses eixos ligam-se pela intercalação do tempo narrativo e da memória. Pretendemos apontar que essa prosa se desenrola por meio de uma tessitura de histórias ficcionais, reais, passadas e presentes que se coadunam na circularidade do tempo, da narrativa e da concepção de vida, no seio da tradição cultural africana.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura africana; *As visitas do Dr. Valdez*; Moçambique; Identidade; Representação;

**ABSTRACT:** This article aims to present a reading about *As visitas do Dr. Valdez*, by João Paulo Borges Coelho, considering that there are two organizing axis in this novel: the Mozambican identity building and Dr. Valdez's representation. These axis connect themselves by shifting narrative and memory time. We intend to show that this narration develops itself through a texture of fictional, real, past and present stories that result in the circularity of time, narrative and life conception, among the African cultural tradition.

**KEYWORDS:** African literature; *As visitas do Dr. Valdez*; Mozambique; Identity; Representation;

**Entre apresentações e representações**

O mundo somos nós e os outros. E quando a minha literatura transborda a minha identidade é a arma de luta e deve ser ação de interferir no mundo total para que se conquiste então o mundo universal (RUI, 1987, p. 309)

---

<sup>1</sup> Bolsista FAPESP e Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários UNESP/ Araraquara – SP. CEP: 14800-901. Email: magnatania@gmail.com

Escritor moçambicano com várias publicações ficcionais, João Paulo Borges Coelho<sup>2</sup> destaca-se por uma escrita literária marcada por elementos da tradição cultural africana (como os rituais de nascimento, puberdade e morte) e a importância do respeito aos mais velhos, pela retomada dos contextos recentes de guerras e por prosas marcadamente intercaladas entre passado e presente.

*As visitas do Dr. Valdez*<sup>3</sup> (2004) apresenta ecos das invasões portuguesas por volta das décadas de 50 a 70 e suas consequências na vida cotidiana dos personagens, da configuração do tempo e do espaço narrativo. Segundo Rita Chaves (2008), nas obras de Borges Coelho há um destaque para a memória geralmente de um passado próximo, já que o enfoque central é o presente. Observa-se, portanto, “O tempo flagrado em seus romances é aquele que assiste à emergência do país e as mudanças por que ele tem passado” (CHAVES, 2008, p. 193).

Ao permear pelas tessituras de histórias<sup>4</sup> intercaladas, é possível notar que a obra se solidifica, preponderantemente, a partir de dois eixos: a construção da identidade/alteridade e o jogo/ a representação do médico Valdez. Ambos são entrelaçados no decorrer da narração pelas quatro visitas à Amélia e Caetana. Os valores sociais e culturais apresentam-se por meio do jogo temporal, da representação da sociedade e da literatura moçambicana, além da própria vida na representação do médico, recriado por Vicente, como se fosse a própria reconstituição de um povo que se materializa na obra ficcional nessa recriação da figura do branco em seus comportamentos e atitudes diante dos negros.

O conceito de identidade é amplo e abrangente. Desponta, inicialmente, de uma inserção sócio-histórica das representações do indivíduo numa perspectiva temporal e, logo em seguida, para as representações do outro, ou seja, na alteridade. Assim, a identidade se constrói tanto no aspecto individual e pessoal, como no coletivo e social

---

<sup>2</sup> Nascido em 1955 no Porto, filho de pai português e mãe moçambicana, Borges Coelho regressou dos estudos em Lisboa após a independência de Moçambique, em 1975. O escritor afirma em entrevista que foi para Moçambique com alguns meses e, assim, de certa forma, foi no país africano que nasceu e adquiriu consciência de si. Tem colaborado na reconstituição da nação pós-guerra com estudos historiográficos e na atuação como professor da Universidade Eduardo Mondlane. Dentre suas produções ficcionais estão: *As duas sombras do rio* (2003), *As visitas do Dr. Valdez* (2004), *Setentrião* (2005) e *Meridião* (2006), volumes de *Índicos Índicios*, *Crônica da rua 513.2* (2006), *Campo de Trânsito* (2007), *Hinyambaan* (2008), *O olho de Hertzog* (2010), *Cidade dos espelhos* (2011).

<sup>3</sup> Obra vencedora do Prêmio José Craveirinha de Literatura, em 2005, instituído pela Associação de escritores moçambicanos.

<sup>4</sup> Observaremos, no decorrer desse artigo, que o emprego do termo “histórias” refere-se a múltiplos sentidos. Dentre eles, às histórias ficcionais transpostas intercaladamente pela narrativa da obra em estudo, às histórias orais pertencentes aos valores culturais africanos, transmitidos entre as gerações, à história recente de guerras pela independência da nação moçambicana e, também, ao jogo terminológico entre história e ficção, peculiar às produções literárias desse país, desse escritor e, em especial, por Borges Coelho exercer também a função de historiador, além de ficcionista. Dessa forma, procuramos justificar o título escolhido.

em um determinado momento histórico. Ao ampliar esse conceito para o contexto africano, marcado por peculiaridades relacionadas à cultura e à própria concepção de mundo e de vida, torna-se necessário refletir sobre a constituição da identidade justamente “nessa tensão entre a tradição – seja a tradição cultural dos povos, seja a tradição imposta pelas relações com os colonizadores – e a pós-modernidade, nas identidades múltiplas que esta enseja” (MARÇOLLA, 2007, p. 147).

No caso de Moçambique, colônia portuguesa até 1975, pode-se afirmar que há uma identidade em construção. Considerado uma das rotas de navegação para a Ásia, a história desse país foi marcada por guerras sangrentas que, além de exterminar muitas vidas, também decepcionou valores culturais, sociais e históricos. Após a independência surgiu a necessidade de se reconstruir nacionalmente, resgatando os valores próprios. Assim, tanto os documentos históricos como a literatura exercem papel fundamental nessa identidade em construção, colaborando na disseminação das especificidades moçambicanas, por meio de suas linguagens específicas. Nessa construção identitária de um povo e de uma literatura que se delineia após anos de exploração territorial, insere-se a ficção moçambicana contemporânea que “emerge como o instrumento preferencial para recriar e explorar as potencialidades rapsódicas da escrita e do seu próprio contexto.” (NOA, 2006, p. 271). Deste modo, *As visitas do Dr. Valdez* apresenta-se como uma redescoberta de seu país em transformação, caminhando entre contradições de momentos históricos, desajustes diante da realidade e recordações passadas, através de uma linguagem que oscila entre a oralidade, os valores tradicionais, a imaginação, a rememoração, o fato histórico e o ficcional.

As marcas de uma construção da identidade são notáveis na apresentação e caracterização dos personagens, do tempo e do espaço em que os fatos se desenrolam, nos relacionamentos que envolvem valores sociais e culturais de sua nação. Todos esses elementos narrativos apresentam, simultaneamente, uma situação ficcional que passa por diálogos entre passado, presente e futuro, entre tradição e renovação dos valores culturais e sociais, referenciando a própria construção da identidade que se mostra em todos os aspectos da obra, dentre eles, pela inversão de papéis de Vicente e por objetos como a caixa de recordações de Amélia e a boneca de porcelana de Caetaninha, por exemplo.

O romance se inicia com a chegada de Caetana, Amélia e Vicente na Beira, cidade localizada aproximadamente no centro do país. Eles partiram de Muchojo, região predominantemente rural, por causa das ameaças de atentados de guerra. Dessa forma,

deixaram a **Casa Grande**, na Ilha do Ibo e a **Casa Pequena**, no Mucojo, espaços das concretizações serviçais ao longo de gerações. Ficou somente Cosme Paulino a servir Caetana à distância. Deixaram parte de suas histórias para recomeçarem um novo capítulo de suas vidas. É notável o tema da guerra por toda a obra já que sempre esteve presente no cotidiano dos moçambicanos por décadas. Os tempos finais do colonialismo português no país, a retomada do período de ocupação pelos portugueses e outros estrangeiros, a história da conquista do território moçambicano e exploração desumana da população local marcaram a realidade opressiva da vivência das pessoas durante as lutas pela independência e estão presentes em *As visitas do Dr. Valdez*, por meio de ecos do passado no presente, apontando toda a angústia e crise causada na época e alimentando a idealização de um novo país.

Segundo Rita Chaves, João Paulo Borges Coelho preocupou-se em retratar a diversidade territorial de Moçambique desde *As duas sombras do rio* (2003), sua primeira obra ficcional. Assim, promoveu uma espécie de descentralização da região Sul e um “deslocamento em relação ao interior e ao Norte de Moçambique, ampliando também o que podemos reconhecer como a territorialidade literária do país.” (CHAVES, 2008, p. 188), a fim de propiciar conhecimento histórico e ficcional de regiões pouco exploradas pelos escritores locais.

Caetana, Amélia e Vicente são os personagens centrais da narração principal transcorrida no presente enunciativo. Há outras narrações secundárias que apresentam fatos e pessoas familiares que compuseram a infância desses três personagens, o que resulta em uma oscilação entre denominações individuais e coletivas. Caetana e Amélia são duas patroas velhas, caracterizadas ao longo da obra, por poucas semelhanças e muitas diferenças entre si, por meio dos comportamentos, atitudes e aparência física, conforme podemos observar em:

Caetana dava razão ao marido e à sua posição de avançar sozinho no coqueiral. “Não cedas!” dizia ela ante as dúvidas de Araújo, com uma decisão que tinha raízes no voluntarismo que trazia da infância [...]. Por outro lado, e lamentavelmente, Amélia acomodava-se ao marido, falha de energias para combater o despeito dele. [...] estava longe dos problemas, desarmava a irmã com uma espécie de candura, uma grande ignorância em relação aos pormenores do conflito. E isso deixou um certo azedume em Caetana, que por sua vez entristecia Araújo (COELHO, 2004, p. 30).

Ambas são filhas da mesma mãe, Ana Bessa, com pais diferentes, e ficam órfãs em épocas distintas de suas vidas. Somente nesse aspecto nota-se semelhança entre elas. Amélia é a filha mais velha, passiva e alheia diante de todos os problemas ou fatos cotidianos. Desde pequena foi mais dócil e despreocupada que a irmã. Desenvolveu uma doença que aos poucos paralisou seu corpo obeso, assim como suas atitudes omissas que se estenderam por toda a sua vida, necessitando de assistência e se locomovendo apenas por meio de cadeira de rodas. Caetana, no entanto, recebeu uma caracterização associada à impetuosidade. Assumiu a função de patroa e cuidou de Amélia na velhice.

Vicente é o outro personagem central da narrativa, um criado adolescente, filho de um respeitador da tradição africana, o Cosme Paulino. Vivenciou em seus poucos anos a realidade do campo, os valores sagrados que lhes foram transmitidos por gerações e também a realidade da cidade grande com novas formas de se conceber a vida e as relações sociais. O adolescente protagonista representa na obra a transição entre campo e cidade, entre preservação dos valores adquiridos e abertura ao novo numa convivência entre ambos, entre aprisionamento e liberdade, entre obediência, manutenção de posição social e inversão de papéis. Todas essas dicotomias são possíveis pela própria caracterização física do personagem em formação, que está aprendendo a viver e que, ao ter contato com situações tão díspares, torna-se a materialização da construção que se faz, paulatinamente, também da identidade da nação moçambicana na figura de seu personagem. Muitas vezes questiona e reflete sobre valores históricos, aceita recriar o Dr. Valdez sem tê-lo conhecido, proporcionando assim, nas quatro visitas, a inversão de papéis tão almejada ao longo da história moçambicana.

Em oposição a Vicente, Amélia e Caetana podem ser associadas à preservação e resistência dos valores da tradição cultural africana como, por exemplo, o valor sagrado da palavra e os papéis bem definidos na relação entre patrões e criados conseguida ao longo de gerações de serviços. Portanto, “No trio está representada a velha ordem que caminha para a mudança” (CHAVES, 2008, p. 195).

O valor sagrado da palavra ultrapassa o poder criador e adquire também a função de conservar e destruir. Em decorrência disso, ela torna-se o agente ativo da magia africana. Essa referência à palavra é notável em toda a narrativa, principalmente nos momentos em que há a aproximação com a oralidade. Um trecho característico dessa menção ao poder da palavra proferida refere-se à infância de Caetana e Amélia quando

essa última consegue nadar no mar e sua irmã, por inveja, a amaldiçoa, como se pode notar:

Foi então que Caetaninha usou de um último recurso, lançando um “Deus queira que te afogues!” resmungando só para dentro, de cenho franzido, talvez porque a água lhe entrasse nos olhos, talvez para incutir intensidade e eficácia ao seu desejo. E nessa mesmíssima altura Mamélia sentiu que perdia as forças e deixava de ser sereia para ser o que era outra vez. (COELHO, 2004, p. 54).

A vida de servidão e obediência mostrada por Cosme Paulino, por exemplo, também serve de exemplo desse valor sagrado. Ele foi morto no Mucojo por combatentes e soldados portugueses cuidando do patrimônio dos patrões, servindo Caetana mesmo à distância. Esse personagem representa a manutenção de valores culturais africanos e a disseminação dessa obediência e respeito por gerações ao dizer a Vicente: “Se desobedeceres à Senhora Grande serei eu a desobedecer-lhe, entendes? dissera o velho Cosme ao despedir-se, na última vez que o viu. Palavras que agora lhe martelam os ouvidos” (COELHO, 2004, p. 134). Esses ideais de *ishima*<sup>5</sup> são aceitos pelo filho, mas, conforme este tem contato com outras sociedades, passa a refletir e a questionar essa obediência, mostrando-se como o elemento simbólico articulador desses ideais entre passado e presente.

Os rituais simbólicos também são outra característica forte da tradição cultural africana presente na obra e marcam as três principais etapas da vida, a infância, a maturidade e a velhice, conforme afirma Nsang O’ Khan Kabwasa (1982) e exemplificados, respectivamente, por Vicente e por Cosme Paulino. São os rituais de gestação e nascimento, de iniciação à puberdade, à vida adulta e de morte e luto que são apresentados na narrativa. Esses momentos ritualísticos são sacralizados na cultura africana e transmitidos entre as gerações como se observa no trecho em que se apresenta o ritual de gestação em que cada mês é simbolizado por um nó em uma corda. Nesse caso, trata-se da gestação de Vicente:

Nos nós que nossas mães fazem na corda – um nó por cada lua – para marcar os misteriosos passos que vamos dando antes de darmos o primeiro passo verdadeiro. [...] Uma corda com dez nós traz o segredo do nascimento: numa ponta o plantio como acto de desejo; na outra a colheita desejada. (COELHO, 2004, p. 142 – 143).

---

<sup>5</sup> Segundo o glossário do final da obra: *Ishima*: Respeito.

Em linhas gerais, os valores sociais do período colonial, como a superioridade dos brancos sobre os negros e dos patrões sobre os criados são bem notáveis em vários momentos da obra, como, por exemplo, na violência física e moral sofrida por Cosme Paulino por ter consumindo produto do patrão, no caso, açúcar ao apanhar diante dos demais criados e de seus filhos para que a humilhação do castigo público sirva de exemplo a todos, ou então, nas palavras de despedida de Cosme Paulino a Vicente no momento da partida de Mucojo para a Beira: “Se desobedeceres à Senhora Grande serei eu a desobedecer-lhe, entendes?”, dissera o velho Cosme ao despedir-se, na última vez que o viu. Palavras que agora lhe martelam os ouvidos” (COELHO, 2004, p. 134).

Outra demarcação de valores sociais é pontuada no trecho em que se menciona o ônibus público utilizado por Vicente ao passear pela Beira à noite com seus amigos. Há a diferenciação de lugares destinados a negros e brancos: “Subiram quando o machimbombo 1ª chegou e parou, sentando-se nas traseiras que é onde se sentam os pretos, mesmo os pretos iluminados” (COELHO, 2004, p. 120). Além da divisão racial há, também, a idealização do cargo, do emprego do branco e todo o prestígio que essa situação social pode proporcionar pelos amigos de Vicente, Jeremias e Sabonete, na mesa do bar.

Ao se passar para o que denominamos de segundo eixo que compõe e circunda as histórias na obra identificamos, como pontos centrais, as relações que se estabelecem entre tempo e memória na configuração das gerações e do texto ficcional. Em uma das digressões da narrativa para a infância das duas patroas, há uma passagem representada por um objeto que acentua a discriminação social entre negros e brancos, nativos e estrangeiros. Trata-se de uma boneca de porcelana, presente trazido pelo alemão, pai de Caetaninha, em um de seus retornos a casa. Mamélia<sup>6</sup> e a criada Anastásia brincavam com “pequenas estatuetas de pau-preto que pululavam pela casa” (COELHO, 2004, p. 113) enquanto Caetaninha desfilava com seu presente novo. Numa certa noite, Mamélia e Anastácia entraram no quarto de Caetaninha enquanto dormia para brincarem com a boneca, até que “a boneca estrangeira caiu no chão com o ruído estridente de louça que se parte” (COELHO, 2004, p. 125). Esse momento pode ser relacionado ao questionamento de valores opressores impostos há décadas por colonizadores e a própria desintegração da hegemonia estrangeira a fim de reconstruir uma nova identidade nacional após a independência.

---

<sup>6</sup> Nome com o qual Amélia era tratada na infância.

Além da subestimação do negro em relação ao branco, é possível observar o preconceito dentro do próprio país, entre regiões e de negro contra negro como em:

“ \_\_ Queres espalhar a confusão que fazem lá no Norte aqui para a Beira! Mas isto não fica assim, miúdo! Voltaremos a falar noutro dia, noutro lugar fora daqui!” (COELHO, 2004, p. 80) ou neste diálogo entre Jeremias e Vicente que precede uma briga entre eles no bar: “ \_\_ Também podes ser soldado, e se calhar com muito mais futuro do que nós – o Jeremias insistia. \_\_ Afinal eles são do Norte como tu. Todos macuas, todos terroristas” (COELHO, 2004, p. 202). A obra apresenta o preconceito entre a região central e a região norte de Moçambique. Segundo informações históricas<sup>7</sup>, os macuas são habitantes da região norte do país que sofreram intensivamente a exploração por parte dos colonos principalmente entre as décadas que antecederam a independência. Com a finalidade de evitarem as péssimas condições a que eram submetidas e como não tinham recursos suficientes para um combate direto, resistiram e se defenderam dos maus tratos por meio de uma linguagem com provérbios compreendidos somente entre eles, ou seja, o sarcasmo era a principal arma desse povo. Também são caracterizados por mitologias peculiares de suas tribos.

Durante toda a obra é enfatizado o jogo discursivo entre tempo presente, acontecimentos que se passam na nova vida de Amélia, Caetana e Vicente na Beira e as recordações passadas pelos personagens, tanto na ilha do Ibo como no Mucojo. Devido à doença degenerativa, Amélia quase não se lembrava do seu passado. Porém, guardava consigo uma **caixa de recordações** em que continha objetos escolhidos como fotos e a pulseira que ganhou de sua mãe na infância. São esses objetos que a auxiliarão a relembrar bons momentos de seu passado e a ter momentos de prazer diante da realidade tão nula. Assim, a caixa de recordações de Amélia pode ser considerada a materialização da memória, pois, torna possível seu resgate por meio da visualização dos objetos escolhidos representando a única forma de reconstituição do passado para a personagem.

Além do jogo discursivo é notável a abordagem do tema da guerra por toda a produção ficcional de João Paulo Borges Coelho, por meio de ecos de um passado recente e presente no cotidiano dos moçambicanos. Em *As visitas do Dr. Valdez* essa ocorrência se concretiza a partir da modificação na rotina dos personagens, como em:

---

<sup>7</sup>Antropologia religiosa do povo macua. Disponível em <<http://pt.shvoong.com/social-sciences/2000589-antropologia-religiosa-povo-macua>>.



“Mas quando os nacionalistas atacaram em Chai, ali tão perto que quase se podiam ouvir os ecos dos seus tiros e as pragas e lamentos dos atacados, ficou claro que as rotinas aparentes se deixavam ficar para trás” (COELHO, 2004, p. 70), ou, na própria morte de Cosme Paulino, assassinado dentro da casa que ele e sua família serviram por gerações: “Aliberto arrastou o corpo para a sala da Casa pequena. Pedia desculpas pela invasão, num aparte, mas é que já não havia portas desde que combatentes e soldados portugueses cismavam em passar por ali, para infortúnio do pobre Cosme” (COELHO, 2004, p. 108). Dessa forma, reforça-se a permeabilidade entre História de Moçambique e histórias ficcionais, duas habilidades provenientes do historiador e do romancista Borges Coelho.

## Vicente em suas visitas de Dr. Valdez

Vicente representa a identidade em construção em *As visitas do Dr. Valdez* tanto a identidade pessoal (por ser um personagem adolescente e em formação), como coletiva e social ao interagir e transitar entre valores culturais antigos e novos e principalmente ao aceitar exercer o **papel** de Dr. Valdez.

O momento do ritual da puberdade apresentado na obra mostra, simultaneamente, a marca de uma tradição cultural preservada e também indica concretamente a construção da identidade pessoal de um indivíduo que deixa a infância e adentra ao mundo adulto. A máscara-elmo usada pelo dançarino no ritual é o símbolo dessa mudança de estado que carrega em si não somente as transformações físicas, mas também o amadurecimento do caráter que se espera na maturidade:

[...] Vejam como eu faço, vejam o refinamento da minha ironia, a grosseria das minhas invectivas, a desconexão dos meus membros que se agitam como se não fizessem parte de mim. Eu sou só espírito. Sou simultaneamente o já feito e o ainda por fazer. [...] Tudo isto para que as crianças-rapazes saibam que viver é sempre fazer diferente, é respeitar a tradição e renegá-la.

Vicente recordará toda a vida esta passagem. Em particular, a magia criada pela força dos dois olhares do dançarino, um que está ausente quando procuramos, outro que nos envolve sem que o saibamos. Guarda-a na lembrança desde esse dia em que deixou de ser criança e passou a ter desejos. (COELHO, 2004, p. 144 – 145).

A caracterização desse personagem criado-adolescente pontua uma identidade pessoal que se encontra em fase de formação, referenciando-se também, à construção da

identidade do povo moçambicano após décadas de guerras e dominação portuguesa em seus territórios.

Para amenizar a solidão de Amélia, Vicente aceita o pedido de Caetana e se caracteriza de Dr. Valdez, realizando quatro visitas à casa das senhoras, local onde as servia como o criado. Um dos trechos mais célebres da obra se passa no momento da (re) construção da figura de Valdez por Vicente, visto que esse processo ocorre somente a partir das lembranças de infância e dos comentários das patroas e dos pais, acumulados ao longo dos anos em sua memória, conforme podemos constatar em:

Levou horas a transformar-se naquele fantasma do passado em frente ao pequeno espelho da parede do seu exíguo quarto, enevoadado pelas manchas amarelas e negras da humildade e da pobreza [...] Tanto tempo levou a preparar-se porque também por dentro se quis transformar. Como pensa um branco? Como sente um branco? Como age um branco? Já mascarado, passeou-se na escuridão do quarto para lá e para cá, procurando entrar na pele do doutor Valdez [...] Vicente avançou muito direito, com ar pomposo e passadas largas como lhe parece que fazem sempre os homens brancos com estatuto. (COELHO, 2004, p. 47 – 49).

Nessa transformação e incorporação de um personagem ficcional, o Vicente, por outro personagem ficcional da obra, o Dr. Valdez, ocorre uma ritualização de atitudes físicas e psicológicas por Vicente e executa-se um exercício metaliterário, pois, somos colocados diante dos bastidores da preparação desse personagem diante do espelho<sup>8</sup>. Ele utiliza vestimentas e acessórios que caracterizam o personagem a ser imitado, fazendo questão de também representar a concepção de mundo e de sociedade construídos em seu pensamento ao longo dos anos. Além de todo o ritual de preparação de renascimento de Dr. Valdez por Vicente, há também a execução da ficção dentro da ficção no palco, a sala da casa de Caetana e Amélia, espectadoras atentas, respectivamente incomodada e feliz. São as quatro visitas do Dr. Valdez que proporcionam a ligação entre os eixos da identidade em construção e das representações na obra. Através de todos os processos que envolvem essas visitas é possível perceber que o narrador retoma a circularidade peculiar da narrativa, presente na oscilação entre os tempos presente e passado, na intercalação entre as histórias de gerações dos personagens, do próprio tema da guerra salientado também em *As duas margens do rio*

---

<sup>8</sup> Segundo Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (2005), o espelho é “o símbolo da sabedoria e do conhecimento” e da introspecção da alma humana. O espelho mágico é clássico na literatura islâmica e “permite ler o passado, o presente e o futuro”.

(2003). Utilizando-se da circularidade também notável nos rituais africanos, o narrador compõe o texto como se tecesse uma pequena parte da história moçambicana, cujo manuseio de execução seria os personagens dessa ficção, alinhavando-se por entre os fios da memória e da vida, na infância, na juventude, na maturidade e na velhice desses personagens, numa retomada da tradição cultural do círculo da vida na cosmogonia africana, o eterno retorno, segundo Nsang O' Khan Kabwasa (1982).

Na primeira visita, Caetana se surpreende com o figurino de Valdez e o incentiva nessa representação, já que nota o contentamento da irmã. Vicente, por sua vez, sente-me à vontade e interpreta não somente o Dr. Valdez, querido por Amélia, mas também, o comportamento social de um branco médico. Nesse momento, representa esse estereótipo a partir de sua concepção de adolescente, acrescida pelas intercorrências familiares passadas. Observemos um dos momentos da primeira visita:

Nas mãos traz um tabuleiro com o chá e um pratinho de deliciosos rebuçados de gergelim torrado, cedendo neste ponto para conquistar mais uns momentos de tranqüilidade. Obsequiosa de um modo pouco exasperado, como que dizendo a Vicente que só o serve dentro do jogo, não fora dele, Sá Caetana estende à visita uma chávena de chá fumegante. (COELHO, 2004, p. 62).

No entanto, o que se iniciou com a intenção de proporcionar momentos agradáveis a Amélia, assumia proporções imensuráveis em cada visita. A representação do médico colocava Vicente em uma posição privilegiada de **poder**, algo que não cabia em sua função de criado, nem em nenhum momento de sua história familiar. Quando estava representando esse papel ocorria essa inversão de papéis. Por alguns minutos, Vicente deixava de ser o negro criado e subordinado de sempre e se tornava o indivíduo branco, detentor de conhecimento sistematizado. Essa posição lhe dava liberdade e segurança de questionar a patroa e “Aos poucos acabava sendo o Dr. Valdez que imitava Vicente e não o contrário” (COELHO, 2004, p. 110). Mesmo recebendo ordens de proibição por Caetana de realizar a representação do Dr. Valdez a partir da segunda visita, devido à impetuosidade que esse papel concedeu a Vicente, ele insistiu e realizou a terceira e quarta visitas apresentando-se com uma máscara-elmo<sup>9</sup>. Sendo assim, “Sá Caetana, que continuava a fitá-lo, tinha nos olhos apenas o brilho do desafio” (COELHO, 2004, p. 116). Ao afrontar Caetana que o desafia, Vicente “não teve outro remédio senão fazer aquele gesto brusco e definitivo. Retirou a máscara-elmo de cima

---

<sup>9</sup> A máscara-elmo é utilizada nos rituais de puberdade na África.

da cabeça sem dar tempo ao pobre Dr. Valdez que o tentasse dissuadir ainda uma derradeira vez. Calou-se pois o doutor para sempre” (COELHO, 2004, p. 116).

Longe da máscara e da figura social que representa o Dr. Valdez, o adolescente volta a agir como o criado Vicente. Porém, não da mesma forma seu pai foi pela vida toda, visto que “é já esta diferente obediência do visitante obrigado às leis da cortesia, não a velha obediência do criado” (COELHO, 2004, p. 57).

A última visita, no entanto, é a despedida de Amélia que se encontra, após ter desfalecido a cada dia, no leito de morte. Nesse momento em que Dr. Valdez a visita pela última vez, revela-se a convenção de que Amélia sabia, efetivamente, desde o início, que não se tratava do doutor de Ibo, mas de Vicente, conforme podemos verificar em:

\_\_As barbas, Vicente! Põe as barbas! \_ ainda lhe grita Sá Caetana, esquecendo-se de que a irmã já só via imagens interiores.

\_\_ Não faz mal – intervém Sá Amélia num sussurro. \_ Deixa-o estar que eu prefiro este Valdez novo ao chato do velho doutor. Hoje já não quero visitas, ao contrário dos outros dias. Hoje só nos quero a nós os três, juntos como se fôssemos uma família. De resto, já me despedi de tudo, falta apenas despedir-me de vocês.

É portanto um Dr. Valdez descomposto e despeitado que se aproxima da cabeceira de Sá Amélia. (COELHO, 2004, p. 194).

A aceitação da inversão de papéis entre os três personagens é mútua e destaca a ligação entre os eixos da obra: a identidade nacional ainda em construção que se mostra também por meio dessa representação e inversão de papéis entre detentores de poder e criados, frisando a relação de alteridade. Dessa forma, retomam-se as colocações mencionadas no início dessas reflexões e reforça-se, nessa leitura da obra *As visitas do Dr. Valdez* que, segundo Appiah (1997), há na África uma identidade em construção que deve ser pensada no âmbito de sua multiplicidade cultural pré-colonial, passando por todo o processo de dominação e pós-independência, no sentido de desconsiderar as generalidades e salientar as especificidades locais de cada país africano.

O produto resultante dessa tessitura de histórias ficcionais, da tradição cultural e da História africana entrelaça-se para um final que ressalta a circularidade da narrativa. Notou-se, portanto, que João Paulo Borges Coelho utilizou-se de elementos históricos verossímeis na construção de seus personagens, resultando em uma “ficção densa e bem construída que, ao mesmo tempo, realiza um papel da sociedade moçambicana – como

grande parte da ficção contemporânea daquele país – sem recair em tendências folclorizantes ou ufanistas” (VENTURA, 2009, p. 50).

**Referências:**

- ANTÓN, Geraldo Bacelar. **Antropologia religiosa do povo macua**. Disponível em < <http://pt.shvoong.com/social-sciences/2000589-antropologia-religiosa-povo-macua/>. Acesso em 15 maio 2010.
- APPIAH, Kwame Anthony. Identidades africanas. In: **Na casa de meu pai**. A África na filosofia da cultura. São Paulo: Contraponto, 2007.
- CHAVES, Rita. Notas sobre a Ficção e a História em João Paulo Borges Coelho. In: RIBEIRO, Margarida Calafete; MENESES, Maria Paula (Org.). **Moçambique: das palavras escritas**. São Paulo: Afrontamento, 2008, p. 187 – 198.
- CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. Tradução de Vera da Costa e Silva. Petrópolis: José Olympio Editora, 2005.
- COELHO, João Paulo Borges. **As visitas do Dr. Valdez**. Lisboa: Caminho, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Entrevista**. Maputo, Agosto 2006. Disponível em < <http://ma-schamba.com/literatura-mocambique/joao-paulo-borges-coelho-uma-entrevista/> Acesso em 15 maio 2010.
- MARÇOLLA, Bernardo. Identidade, alteridade e memória em As visitas do Dr. Valdez, de Borges Coelho. In: **Literaturas africanas de língua portuguesa**. Belo Horizonte: Cadernos Cespuc de pesquisa, n. 16, 2007, p. 141 – 151 (Série Ensaios).
- NOA, Francisco. Modos de fazer mundos na actual ficção moçambicana. In: CHAVES, Rita; Macêdo, Tânia (Org.). **Marcas da diferença: as literaturas de língua africana**. São Paulo: Alameda, 2006, p. 267 – 274.
- NSANG O' KHAN KABWASA. O eterno retorno. In: **O Correio da Unesco**. Brasil, dez. 1982, Ano 10, n.12, p. 14 – 15.
- RUI, Manuel. Fragmento de ensaio. In: MEDINA, Cremilda de Araújo. **Sonho Mamana África**. São Paulo: Secretário de Estado da Cultura, 1987, p. 309.
- VENTURA, Susana Ramos. Considerações sobre a obra ficcional de João Paulo Borges Coelho. **Revista Navegações**. Porto Alegre, n. 1, v. 2, jan/jun. 2009, p. 49 – 52.